

[Home](#)[Jornal Ecoturismo](#)[A Revista](#)[Edições](#)[Nossos Eventos](#)[Serviços](#)[Turismo](#)[Fale Conosco](#)[seis visões sobre o plano](#)[Plano Real completa 15 anos; conheça seis visões sobre o plano](#)[< Previous](#) [Next >](#)

Plano Real completa 15 anos; conheça seis visões sobre o plano

As primeiras cédulas do real começaram a circular há 15 anos, no dia 1º de julho de 1994. Desde então, a inflação vem se mantendo controlada, ainda que o país tenha passado por um processo de maxidesvalorização da moeda em 1999 e agora enfrente a maior crise financeira do mundo desde a Grande Depressão dos anos 1930.

Desde a implantação do plano, os juros foram o melhor investimento. O CDI, que tem variação muito próxima à taxa básica de juros (Selic), subiu mais de 2.000% desde julho de 1994. A Bolsa de Valores vem em seguida, com alta de 1.300%.

UOL ouviu o ponto de vista de seis influentes personalidades da área econômica a respeito do Plano Real, incluindo suas consequências já em curso e as perspectivas para os próximos anos.

Delfim Netto

UOL – Qual a principal consequência positiva do Plano Real até hoje?

Delfim – O principal resultado do Plano Real foi recuperar a credibilidade da moeda brasileira depois de uma década de erosão contínua e profunda, num processo acelerado de inflação que estava conduzindo a economia brasileira à tragédia de uma hiperinflação.

Manobrando com maestria um engenhoso plano de transição da antiga moeda para o Real, a equipe econômica do governo Itamar Franco conseguiu convencer a sociedade de que a inflação podia ser controlada e de que era possível voltar a viver com estabilidade monetária.

No governo seguinte, o Plano Real se consolidou e a economia atravessou um longo período de relativa estabilidade. A inflação só voltou a ameaçar no final do segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso devido à excitação pré-

eleitoral, mas voltou a ser combatida com eficiência nos primeiros meses do governo Lula, de tal sorte que o país se acostumou na realidade a viver com níveis baixos de inflação.

UOL – Qual a maior falha no Plano Real?

Delfim – Foi a insistência no uso da política cambial como a âncora que segurou a inflação, especialmente no primeiro mandato de FHC.

Ela exigiu a utilização de uma política de manutenção de taxas de juro internas muito superiores às taxas do mercado mundial, o que atraiu investimentos externos majoritariamente voltados para a especulação financeira de curto prazo.

A consequência dessa política foi uma persistente sobrevalorização do Real que sacrificou duramente nossas exportações, especialmente as industriais.

O resultado ao final do governo FHC todos conhecem: um déficit nas contas externas de US\$ 180 bilhões que nos obrigou a fazer vultosos empréstimos no Fundo Monetário Internacional, só resgatados no final do primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

UOL – Qual o futuro do real?

Delfim – Não vejo risco de reversão da política de estabilidade porque a própria sociedade tem demonstrado permanentemente aos governos que não vai se conformar com o retorno da inflação.

O ponto importante é que temos hoje políticas que combinam essa estabilidade com a indução ao crescimento. A boa condução dessas políticas foi testada e se saiu bem até agora durante esta infeliz e desnecessária crise financeira que importamos.

Minha confiança é maior ainda por duas coisas que talvez muitos brasileiros não se dêem conta e que são fundamentais. Pela primeira vez, o Brasil tem sob “seu controle”, em suas mãos, os dois grandes problemas que sempre interromperam o desenvolvimento em sua história: a escassez de energia e as crises de financiamento externo.

Isso se deve à confirmação das quantidades de energia (óleo e gás) existentes e ao alcance de nossa capacidade de extração nas jazidas do pré-sal, técnica e financeiramente. Além de garantir a oferta da energia, seu valor potencial é suficiente para afastar as ameaças de crises em nossas transações correntes com o exterior.

É isso que me permite afirmar que temos pelos menos 25 anos de crescimento pela frente, que poderá ser robusto, comparável ao dos países que mais crescem hoje em dia. E sustentável pelas próximas gerações de brasileiros, se usarmos a nossa inteligência para evitar grandes erros. Os mais jovens provavelmente não lembram, mas o Brasil cresceu durante um bom período no século passado a um ritmo de deixar chinês de olho redondo, de espanto...

Armínio Fraga

UOL – Qual a principal consequência positiva do Plano Real até hoje?

Fraga – Fazer a sociedade, especialmente os mais pobres, entender como é bom ter inflação baixa.

UOL – Qual a maior falha no Plano Real?

Fraga – Nada que tenha a importância da resposta anterior.

UOL – Qual o futuro do real?

Fraga – Penso que o real mais estável virou uma conquista da sociedade e que, na sua versão atual, tem chance de sobreviver. Refiro-me ao conjunto de metas para a inflação, câmbio flutuante, estabilidade financeira e responsabilidade fiscal. Se o crescimento do gasto público for contido, as chances aumentam muito.

Gustavo Franco

UOL – Qual a principal consequência positiva do Plano Real até hoje?

Franco – Hoje o Brasil tem uma moeda nacional da qual pode se orgulhar, e isso se desdobra em um sem número de consequências favoráveis. Antes de 1994, nós não tínhamos moeda; tivemos oito padrões nos últimos 60 anos.

Não é possível falar de distribuição de renda e riqueza, nem de crescimento, em um país com taxa de inflação de 40% ao mês, como tínhamos antes do real. Isso é o que faz a diferença entre Brasil e Argentina.

UOL – Qual a maior falha no Plano Real?

Franco – Refletindo em retrospecto, acho muito difícil que o Plano Real pudesse ter sido feito de modo muito diferente.

UOL – Qual o futuro do real?

Franco – A gente nunca vai poder dizer que a tarefa está terminada. Sempre a inflação pode ser uma ameaça, mas em grau muito diferente do que era antes. Hoje, e provavelmente nos próximos 15 anos, o debate não vai ser tanto sobre a inflação, vai ser mais sobre o crescimento. O real não tinha o objetivo de resolver o problema do crescimento, mas ele posicionou o Brasil para ter futuro, ter possibilidade aspirar crescimento econômico e vida melhor para todos os cidadãos do país.

Glauco Arbix

UOL – Qual a principal consequência positiva do Plano Real até hoje?

Arbix – Ter introduzido o Brasil num período de modernidade, em que nós nos afastamos do período de descontrole do país sobre sua própria moeda.

A previsibilidade que uma economia estabilizada permite é muito grande e dá possibilidade de ampliação de investimentos. Já a imprevisibilidade é praticamente incompatível com o investimento. A estabilização favoreceu essa situação, e as empresas brasileiras estão conseguindo se internacionalizar.

Além disso, a rede de proteção social, que é muito sofisticada no Brasil, funciona de determinada maneira com inflação e de outra maneira, sem inflação. Um dos grandes fatores do êxito de um programa como o Bolsa-família na redução da desigualdade é o regime de baixa inflação. Se a inflação comesse 70% dos benefícios do BF, seria muito diferente.

UOL – Qual a maior falha no Plano Real?

Arbix – O foco na inflação foi exacerbado. Não que a gente deveria ter mais inflação, mas a política macroeconômica não deveria ser apenas voltada para a inflação. Deveria ter sintonia com as políticas de emprego e com o desenvolvimento. Ao longo dos anos 90, não conseguimos fazer isso. Agora, ao longo dos anos 2000, estamos obtendo um equilíbrio muito mais apropriado.

UOL – Qual o futuro do real?

Hoje não tem mais nenhum partido político de peso que defenda que o controle da inflação não é importante. Isso é um ganho político gigantesco. É um elemento que equipara o Brasil a uma série de outros países avançados, ainda que tenhamos que encontrar um equilíbrio entre controle inflacionário e desenvolvimento.

Mailson da Nóbrega

UOL – Qual a principal consequência positiva do Plano Real até hoje?

Nóbrega – A principal consequência é a vitória, a meu ver irreversível, contra a crônica inflação brasileira. A estabilidade da moeda não é, em si mesma, garantia de crescimento, mas sem ela não há futuro. Ao contrário do que se pensou durante muito tempo no Brasil, a inflação não tem papel relevante no processo de desenvolvimento. É um

mal, que gera volatilidade indesejável no PIB, na renda e no emprego, desestimulando o investimento. Provoca ineficiências na economia e concentra a renda. A estabilidade é, pois, condição essencial para o desenvolvimento.

UOL – Qual a maior falha no Plano Real?

Nóbrega – É difícil apontar falhas no plano. Talvez seus autores devessem ter tido maior preocupação com a situação fiscal. Depois do plano, o setor público começou a apresentar déficits primários que contribuíram para aumentar a relação entre dívida pública e Produto Interno Bruto.

A periclitante situação fiscal prevalecente em 1998 contribuiu para tornar mais agudos os efeitos, sobre o Brasil, da crise da Rússia. Os mercados tenderam a comparar a situação brasileira com a russa, cuja crise tivera suas origens no péssimo estado das suas finanças.

Felizmente, a partir do final de 1998, medidas foram adotadas para reverter a tendência explosiva daquela relação. Embora esse esforço tenha resultado essencialmente do aumento de receitas, o fato é que de lá para cá foram afastados os temores de calote na dívida pública. No governo Lula, a continuidade da política econômica e a elevação do superávit primário contribuíram para reforçar esse sentimento.

UOL – Qual o futuro do real?

Nóbrega – Estou convencido de que a estabilidade da moeda veio para ficar. Somente um grande desastre nos colocaria de volta no ambiente de instabilidade vigente nos anos 1980 e 1990, e começo da primeira década deste século.

Há um conjunto de conquistas que criam incentivos à formulação e execução de políticas econômicas responsáveis, a saber: a intolerância da sociedade à inflação, a imprensa livre e independente, a autonomia operacional do Banco Central e os fortes riscos políticos de guinadas populistas na gestão das políticas fiscal e monetária. O pano de fundo desse processo inédito é a democracia, que parece consolidada em nosso país.

Julio Gomes de Almeida

UOL – Qual a principal consequência positiva do Plano Real até hoje?

Almeida – O Plano Real ajudou a tirar a tradição inflacionária que havia no Brasil e a preservar o rendimento das pessoas; as populações de mais baixa renda são especialmente beneficiadas. Hoje há maior previsibilidade dos investimentos.

UOL – Qual a maior falha no Plano Real?

Almeida – O que se pode discutir são os métodos que, ao longo do tempo, foram utilizados para obter o resultado de baixa inflação. Acho que foram cometidos erros e acertos nesse percurso. No caso de erro, a persistência de juros muito altos é um fato que ainda está sendo resolvido.

Muitas vezes utilizou-se exagerado nível de juros, o que aumentou muito a despesa do governo, e isso também gera processo inflacionário porque exige que o governo aumente a carga tributária, refletindo em custos maiores na produção.

UOL – Qual o futuro do real?

Almeida – As conquistas do Plano Real estão plenamente consolidadas. Porém, ainda há alguns resquícios de uma economia com memória inflacionária. Há uma indexação que ainda prevalece em muitos contratos de serviços públicos, que algum dia nós vamos ter que resolver, como telefonia, pedágio, energia elétrica e saneamento. Isso não acontece em muitos outros países e nós ainda não conseguimos afastar.

Sílvio Crespo
Em São Paulo

Share This Story, Choose Your Platform!



About the Author: Revista Ecoturismo

FIND US ON FACEBOOK

INSTAGRAM


RECENT TWEETS

Revista Ecoturismo

Curtir Página

Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

 Air France garante viagens internacionais a preços baixos zip.net/brtsHd
2 hours ago

 Luis Carlos Cardoso e Caio Ribeiro avançam para as finais na canoagem zip.net/bbtsvV
2 hours ago

 Fazenda sustentável no Sul Fluminense serve de modelo para produtores rurais zip.net/bhtsLQ

2 hours ago



Indígenas
exigem troca de
comando da
saúde no Xingu
(MT)

zip.net/btttny

5 hours ago

